



José Régio

OBRA COMPLETA

JOGO DA CABRA CEGA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

JOGO DA CABRA CEGA: UM JOGO DE CRUELDADE NOCTURNA

Romance publicado por José Régio em 1934 e logo apreendido pela censura salazarista, esta obra complexa e, até certo ponto, «prematura», terá começado a ser elaborada, provavelmente, em 1927. Em 1929, no n.º 21 da presença, de Junho-Agosto, viu a luz um fragmento que se situa, com alterações, perto do meio do romance de 1934. Mas já em 1928, numa carta datada de 25 de Setembro e dirigida a Carlos Queirós, Régio alude ao Jogo, então em processo de escrita, classificando-o de «verdadeiramente malcriado». E acrescenta: «Tão malcriado que nem ao pai tem respeito.»

*Com mais de 400 páginas *, o primeiro romance de José Régio esteve para ter outros títulos, entre os quais o autor hesitou: A Verdade e o Seu Poço; Compreender!; Cada um de Nós e Alicerces e Andaimos. Chegou mesmo a pensar em alongar o título em que finalmente se fixou — Jogo da Cabra Cega — tornando-o mais extenso: Jogo da Cabra ou Jaime Franco, Humanista Indesejável. Mas acabou por desistir, adoptando a versão mais curta. Em carta de Agosto de 1928, dirigida a João Gaspar Simões, Régio comenta o título (já*

* Em edições anteriores, não nesta, que tem 370 páginas.

fixado, portanto, pelo menos seis anos antes da publicação) deste modo: «É um pouco extravagante mas verdadeiro. O jogo da cabra cega é um jogo em que a gente procura agarrar alguém, e reconhecê-lo, com os braços estendidos e os olhos vendados. O romance teria como epígrafe esta definição; ou outra semelhante.» De facto, a epígrafe que, em definitivo, adoptou foi outra: «Diz o nosso Povo: Altos são os juízos de Deus.»

Embora o autor de *Biografia* nunca viesse a renegar a audaciosa obra de juventude, em correspondência com amigos, quase, por vezes, se desculpa por se ter «precipitado» naquela intensa obra produzida em anos ainda imaturos. Numa carta escrita ao dramaturgo (que foi também seu médico no Lumiar), H. Prista Monteiro (*Vila do Conde*, 13 de Agosto de 1967), diz, referindo-se ao *Jogo*: «E suponho ver por que o livro lhe agradou. É um livro de abandono e excesso, em que o escritor estava ainda muito adolescente. Não pense que o desestimo, gosto muito de o ter escrito com aquela coragem quase inconsciente. [...] O *Jogo* é barroco e romântico. *A Velha Casa* tende para um ideal clássico.»

Régio sublinhava aqui um contraste fundamental entre a intensidade quase frenética e quase desarrumada do *Jogo* e a compacta, vasta e majestosa (se bem que não menos intensa, mas tratar-se-ia aqui de uma intensidade mais dominada e bem espraiada) de *A Velha Casa*. O *Jogo* alimentar-se-ia do frenesi «contagioso» dos romances de Dostoiévski, a *Casa* iria beber à majestosa e enganadoramente serena penetração do mestre de *Ana Karenina* e de *Guerra e Paz*. Por outro lado, o *Jogo* foi confessadamente escrito e «montado» de maneira algo heterodoxa, como candidamente no-lo confessa o seu autor, nesse livro final e revelador que é a *Confissão dum Homem Religioso*: «Como eu adoptara o processo de começar por escrever as suas passagens capitais — as que mais me interessava escrever — ainda sem pensar na sua ligação ou estruturação formal do romance, escritos estavam os capítulos mais importantes (ou partes mais importantes de capítulos) anos antes da publicação do livro. Ainda, então, não conhecia Freud. Portanto se não pode falar na influência de Freud precisamente sobre alguns passos que mais possam parecer penetrados do seu espírito. Quando vim a conhecer Freud — foi para mim uma revelação: Pareceu-me que eu pré-sentira Freud. Conhecia, porém, Dostoiévski, posto que imperfeitamente, e a influência deste é que me parece mais poderosa em *Jogo* da

Cabra Cega. *À parte o ele ser um génio de primeira grandeza, com ele reconhecia profundas afinidades: sobretudo no seu turvo e fascinante misticismo, e no seu sublime debate entre o Bem e o Mal na alma do homem.»* Permita-se-me que cite ainda, deste mesmo trecho, a passagem em que se refere a Tolstoi, o grande «patrono» de A Velha Casa: *«Também mais tarde empalideceu um pouco a minha apaixonada admiração por Dostoievski perante o conhecimento aprofundado da obra de Tolstoi; para mim, até hoje, o maior romancista que me foi dado conhecer. Todavia reconheço a perigosa arbitrariedade de se comparar dois génios tão diferentes como Dostoievski e Tolstoi; aquele impondo-se por uma espécie de delírio, ou excesso, no incomparável aprofundamento do seu campo próprio, este pelo equilíbrio, o realismo supremo, a verdade luminosa, no tratamento dum campo tão extenso que parece abranger toda a complexidade do homem.»*

De facto, o Jogo reflecte ainda muito o fascínio do seu autor pelo «desarrum» frenético do criador de Os Possessos, pelo seu delírio: no personagem de Jaime Franco/Pedro Serra não haverá ecos de Stavroguine? Onze anos depois, já mais maduro, já mais dono de um certo domínio tolstoiano, Régio dá início à soma romanesca, A Velha Casa, de que o terceiro tomo, Os Avisos do Destino, «corresponde» ao momento narrativo que o Jogo registara: em ambos surge o personagem do perseguidor-perseguido, Jaime Franco, arcanjo da noite, espécie de agente «revelador», quer de Pedro Serra, no Jogo, quer de Lelito, nos Avisos. Mas se, no Jogo, a bebedeira intelectual e psicológica por completo inunda o território da narrativa e, no fim, se suspende, não se sabe bem para que incerto futuro, nos Avisos, o frenesi desencadeado ou posto a descoberto por Jaime Franco, como que se «dissolve» no mar vasto de uma narrativa que se prolonga, alarga e só não chega a espriar-se mais por morte física do autor. A própria dimensão da Velha Casa como que acolhe melhor, integrando-a na diversidade de experiências de Lelito, as consequências psicológicas e intelectuais da lucidez malévola, da crueldade meditada e da sondagem apocalíptica postas em movimento imparável por Jaime Franco. Espécie de «duplo» de Pedro Serra, no primeiro romance, e de Lelito, no segundo, Jaime Franco, embora fisicamente descrito com minúcias de personagem autónomo e presença forte, física e psicologicamente, não menos insinua,

no plano simbólico, «significar» uma das várias pulsões divergentes que se aninham no interior de Pedro Serra e de Lelito: convivendo com outras, ou em alternância com elas, ou simultaneamente...

Falando de D. H. Lawrence, o seu amigo de toda uma vida, Aldous Huxley, dizia ter detectado, no modo por que o autor de *Filhos e Amantes* conseguia distinguir os seus próprios sentimentos e emoções dos sentimentos mais convencionais, uma «aterradora honestidade». É essa mesma «aterradora honestidade» (que só uma grande coragem parece poder garantir) — que se desprende, de modo quase intolerável, dos momentos em que Pedro Serra e Lelito vão ao encontro da lucidez de Jaime Franco: lucidez que a um tempo desejam e temem. Talvez não fosse atrevido dizer que todos (ou quase todos) os grandes temas e obsessões que percorrem o tecido da poesia e do teatro regianos se encontram aqui presentes e aquecidos à alta temperatura que lhes confere a lucidez do Arcanjo da Noite. Mas um tema me apeteceria destacar, por aqui irrigar, de modo quase intoleravelmente penoso, todo o tecido desta narrativa nocturna: o tema da dilacerante dificuldade do convívio humano, aqui pranteado contra o pano de fundo de um inventário exaustivo de todas as armadilhas que inevitavelmente se levantam à fluência desse convívio: convívio do homem com os outros, consigo mesmo ou com uma qualquer transcendência. Altíssimo psicólogo, de uma finura quase perversa, é com um misto de admiração e quase repulsa que assistimos ao progressivo exercício de sondagem dos labirintos da alma humana, na aproximação gradativamente poliédrica que o Jogo nos oferece. Mário Sacramento, num texto de 1966, não hesitava em afirmar ser o Jogo «um dos maiores romances portugueses de todos os tempos — obra em que Régio centrou todos os seus dons de poeta, psicólogo, dramaturgo, pensador e crítico, conjugando-os com densidade excepcional». Palavras que inteiramente subscrevemos. Mas é pena que tais dons de Régio nem sempre visitem certos críticos que, hoje em dia, talvez arrastados por tendências muito em vigor, se dão a treslar o grande romance nocturno do autor de *Biografia* e nele detectam traços de homoerotismo, nas relações Jaime Franco/Pedro Serra: o que apenas significa que lhes escapou por completo a transcendente teia de valores simbólicos, morais, psicológicos e até metafísicos na qual se debatem e digladiam os atormentados fantoches da narrativa regiana.

Jogo da Cabra Cega, na sua intensidade perscrutadora dos labirintos da consciência humana, na dissecação que faz do valor irónico de todo o conhecimento, no cepticismo escaldante que propõe relativamente à possibilidade de uma apreensão completa e viável do eu e do outro, tem muito de autobiográfico, sem ser uma autobiografia. Observava V. S. Naipaul que «uma autobiografia pode distorcer; os factos podem ser realinhados. Mas a ficção nunca mente: revela o escritor na sua totalidade.» Eis por que talvez se encontre melhor e mais profundamente a singularidade de Régio no Jogo ou na Velha Casa do que nas páginas ainda assim admiráveis do Diário Íntimo ou da Confissão dum Homem Religioso. A ficção atreve-se a percorrer territórios e a desvendar atmosferas turvas de que a confissão directa mais depressa se afasta. Ou, por outras palavras: a autobiografia alude apenas ao que a ficção audaciosamente mostra. Nos tempos de emergência do neo-realismo, estes aspectos do romance psicológico de Régio — que, no entanto, era muito mais do que romance apenas psicológico — causaram alguma repulsa aos campeadores do «homem mais geral». Ainda num artigo de 1977, publicado na Colóquio/Letras (n.º 38), o excelente Álvaro Salema, embora admirador de Régio, aludia ao «introspeccionismo devorador e insolidário» patente no Jogo e noutros livros do grande presencista. Havia aqui, como houve nos anos 30 e 40, uma óbvia tentativa de pestiferação das «minorias» singulares de que o romance presencista nos deu pinturas inesquecíveis. Mas nem só isso fez o romance de Régio (ou o de camaradas seus), como tê-lo feito não parece acto de lesa-criação artística: o grande escritor negro norte-americano Ralph Ellison observou com acinte justiceiro que «todos os romances são acerca de minorias: o indivíduo é uma minoria». Intenso romance de minorias, Jogo da Cabra Cega é, por isso mesmo, um romance universal. Sabido como é que, em arte, se parte sempre do particular para o universal.

EUGÉNIO LISBOA

I

O GOSTO DE VAGUEAR DE NOITE...

O gosto de vaguear de noite, a horas mortas, era agora o mais querido dos meus prazeres melancólicos. Desde muito novo desenvolvo reais qualidades inventivas em tal género de prazeres: Mas qualidades que sobretudo se revelam no pormenor ou na maneira. De facto, o prazer de errar pela noite é comum a várias criaturas. Sempre desconfiei de misteriosas afinidades entre todas, por mais que as separem os gostos, os vícios, as aparências, a idade, a condição social. Não obstante tal desconfiança, que não posso bem corroborar com exemplos, eu julgava-me então único. Noites havia, sim, em que simplesmente apreciava a noite: O aspecto de *mascaradas*, ou *desmascaradas*, que certas casas têm a certas horas; o silêncio das ruas e a sonoridade das pedras; os vultos que se esgueiram, ou esperam às esquinas, ou se cosem às paredes, ou nos roçam o ombro, ou nos pedem lume, ou falam alto; e depois esboços de paisagens, ou transfigurações inesperadas de coisas que à luz do dia são banais. Porém essas noites não eram as minhas. Estas começavam sempre mais tarde, exigiam-me só, e requeriam disposições extraordinárias. Eu andava então horas e horas entregue a uma espécie de devassidão — não acho outra palavra — durante a qual *vivia*, por assim dizer, todo o meu pas-

sado e todo o meu futuro. Depois de ter corrido a cidade, recomaçava: Preferia os becos, as sombras, os cantos e as escadinhas escusas. E envolvia no mesmo ódio furibundo as luzes dos cafés e os raros transeuntes normais que recolhiam. Era pela antemanhã que o meu delírio atingia o auge. O cansaço atirava-me então contra qualquer muro, exausto como um pobre animal vencido. E na lúcida consciência da minha humilhação, da minha fraqueza, e da minha loucura, saboreava não sei que travor de triunfo. Uma espécie de libertação me sobrevinha. Eu experimentava uma vaga satisfação de destino cumprido! Arrastava-me até casa, subia às apalpadelas, despia-me rezando fragmentos de velhas orações; e adormecia dum sono que parecia não dever ter fim. Mas outras noites, cansava-me: Depois de ter começado as minhas deambulações onanísticas — sentia que me seria impossível prosseguir. Resolvia, então, renunciar, e acabar a noite como qualquer outro.

II

UM DESCONHECIDO

Ora numa dessas noites frustradas tive um encontro importante. Lembro vários pormenores dessa noite (alguns inquietavam-me depois pela sua nulidade e pelo relevo com que se me gravaram) mas o contorno dela e o seu aspecto geral aparecem-me com o vago dum sonho. Principiara, parece, uma chuva invisível e contínua... Eu sentia-me tão frouxo que entrei no primeiro café cuja mancha luminosa esparrinhava nas pedras molhadas. Fui contra um criado que andava de cá para lá. E ao lado estavam dois homens gordos, conversando com gestos que pareciam mais curtos pela altura do ventre e a largura dos ombros. Mas à força de cupidez, sinceridade ingénua, e teimosia em mutuamente se lograrem, — os seus gestos eram pitorescos e fortes. Um, por exemplo, tinha certo modo de cortar no ar (cerrando depois o punho sobre a mesa) que revelava todo o seu gosto de pôr, dispor, e possuir. Estas particularidades ferem-me sempre em certos momentos sonambúlicos. Incapaz de apanhar então o panorama ou a síntese das coisas, a minha atenção esfarrapada choca-se com detalhes inúteis. Só a minha memória, trabalhando depois sobre eles, pede à minha imaginação que lhes dê sentido.

Ao fundo estava um homem direito, magro, imóvel diante dum cálice verde. O café era espaçoso mas banal... quase reles. De resto, eu conhecia há muito este café! Devia passar da uma hora da noite. Sentei-me, contra o muro, a uma das mesas do mais vulgar mármore rosa, e mandei vir não sei quê que me não apetecia tomar. As luzes davam-me talvez uma certa impressão de aconchego. Mas o aspecto comum de tudo feria-me quase como um gesto brutal. Num espelho, ao lado, havia uma fotografia obscena de qualquer *estrela* decaída. E ainda no mesmo espelho, ao meio, estava escrito em grandes caracteres caprichosos:

DIA 14

NOVIDADE SENSACIONAL
ESTREIA DA FORMOSA ARTISTA
M.^{ELLE} DORA

Eu experimentava uma necessidade impaciente e desengañada de me descartar de mim próprio; sobretudo para fugir a não sei que obscura sensação de frio, terror, flacidez, que desde o princípio da noite me perseguia. Por isso as luzes me faziam bem. A luz dispersa. E como quem brinca, eu tentava sonhar: Imaginava interiores de luxo sóbrio, com reposteiros escuros, tapetes macios, grandes candeeiros de luz branda... Em roda, sentados sobre almofadas de seda antiga, estavam homens de negro e mulheres de colo nu. Os homens eram moços mas pálidos, de lábios agudos e sorrisos discretos. Todas as mulheres eram belas e tinham semigestos tão gráceis que pareciam affectados sem que deixassem de ser naturalíssimos. Eu estava perfeitamente à vontade entre aqueles homens e aquelas mulheres. Falava-se de coisas amáveis, vagamente tristes, subtilmente fúteis. As minhas inquietações adormeciam, a minha personalidade esbatia-se no ambiente melancólico e plácido...

Às vezes, só num café a horas tardas, penetro-me destes delírios de megalómano. E caio então em deslumbramentos parvos, como um provinciano diante duma bela montra. Assim corto os fios que me prendem à vida quotidiana e à casa da Senhora Dona

Felícia. Mas hoje, não *agarrava* o sonho. A minha imaginação revelava-se impotente: a minha tortura demasiado real. E essas fantasias decadentistas soavam-me a velho, a falso, a oco, — pareciam-me ridículas. Demais, o café era ordinário. Esta impressão obcecava-me: o café era ordinário! Aquele espelho barato, aquela *novidade sensacional* e aquela fotografia lúbrica exasperavam-me, embora ao meu exaspero se misturasse um pouco dessa piedade que me inspiram as coisas pretensiosas e miseráveis. Em tudo aquilo havia como que um eco do que na minha vulgaríssima vida mais me desgosta. E quem perdoa reencontrar fora de si o que já em si detesta? Tudo isto, porém, não era tudo: É-me impossível mergulhar nos meus sonhos sem me ter isolado. E agora, não me sentia só: Qualquer coisa havia que me seguia, me atraía, — e eu não podia precisar. Alguém me acompanhava, alguém ou uma sombra, um como espectro semelhante à *presença antecipada* dum amigo que se espera — e ainda não chegou. Também não era bem isto: porque o não chegava a ser, sendo muito mais verídico. A sugestão foi tão forte que ergui os olhos, esperando encontrar os do tal amigo espectral: Os meus olhos encontraram os do indivíduo magro que estava ao fundo. Na realidade, *os meus olhos não chegaram a ver o olhar dos seus*: Sou demasiado míope. Eu recebera, no entanto, o choque do cruzamento dos nossos olhares. E compreendi que era a presença dele o que me não permitia isolar-me. De resto — já o sabia. Mas sabia-o dum modo impreciso e distante; e agora era uma forma mais usual de saber, pois sabia que sabia. Começou então, entre nós, qualquer coisa como um colóquio fruste e desleal: Eu observava-o às furtadelas, tentando surpreendê-lo e classificá-lo. Tomava por informações os seus gestos, o seu vestuário e o seu modo de estar. Ele permanecia imperturbável. De quando em quando, molhava os lábios no cálice que tinha em frente. E uma das mãos caía-lhe murcha sobre a mesa — como uma luva branca descalçada. Isto parecia-me estranho e cenográfico. Mas eu não me iludia: Sabia que ele descobrira a minha espionagem — e que *posava*; o que só complicava de hostilidade irónica o meu interesse. A mancha dessa mão inerte, sem cor, intrigava-me e chamava irremediavel-

mente os meus olhos. Eu não podia deixar de o admirar. O desenho da sua cabeça era altivo, quase grave. No entanto, como considerá-lo um homem distinto? Neste café, a esta hora, diante do seu banalíssimo licor verde — essa figura incontestavelmente elegante parecia-me duma estranheza equívoca. Não me era fácil compreender porque estava esse homem ali — embora muitas hipóteses se me afigurassem razoáveis. E talvez mesmo por se me afigurarem razoáveis, — repugnava-me aplicá-las àquele homem que não conhecia, mas a respeito do qual, sabia lá porquê?, me viera a necessidade de sonhar mistérios. O meu exemplo nada me explicava. Contudo, eu principiara a desconfiar de subterrâneas aproximações entre nós. Veio-me então a lembrança de já ter visto em sonhos uma criatura idêntica. Mas não; não era isso! Eu já tinha visto aquele mesmo homem num café exactamente igual a este, exactamente a esta mesma hora, estava eu em disposições exactamente iguais a estas. Isto revelou-se-me súbito, de choque, e parecia-me ter-se dado numa vida que eu não podia dizer ser esta nem podia dizer ser outra. E eu bem sabia que era ilusão, pois durante a minha adolescência tinha muitas destas pseudo-recordações. No entanto, cada uma delas me inquietava com a mesma intensidade. Também agora estava profundamente inquieto: sobretudo porque simultaneamente desejava e temia ver aquele homem erguer-se, passar diante da minha mesa, sair para nunca mais eu o encontrar. A verdade é que a sua presença me entretinha. Quanta vez, a meio das mais torvas horas de pessimismo ou vazio, um nada basta, de súbito, a despertar o meu interesse!: Suponhamos que é um bichinho que passeia numa folha, os gestos, num café, dum conversador vizinho, uma nuvem que se vai alterando no céu, ou a coloração das minhas próprias mãos. Ganho então, por momentos, uma espécie de atenção virgem; e sou feliz por momentos. Dava-se-me agora um pouco isso: A presença daquele homem não conseguia libertar-me de mim (e esta era hoje a minha mais imperiosa necessidade) porque — coisa estranha! — a sua presença também me parecia como que um prolongamento da minha, ou uma projecção do meu estado de espírito. Mas um simples gesto da sua mão

ÍNDICE

| | |
|--|---|
| Jogo da cabra cega: um jogo de crueldade nocturna, por EUGÉNIO LISBOA | 9 |
|--|---|

JOGO DA CABRA CEGA

| | |
|---|-----|
| I — O gosto de vaguear de noite... .. | 19 |
| II — Um desconhecido | 21 |
| III — Primeira apresentação da Senhora Dona Felícia | 27 |
| IV — «O Grupo» | 33 |
| V — Minudências | 43 |
| VI — Jaime Franco entra em cena | 57 |
| VII — Uma carta de minha mãe | 75 |
| VIII — Folhetins de Jaime Franco | 105 |
| IX — Entra em cena M. ^{elle} Dora | 123 |
| X — O arcanjo da noite | 135 |
| XI — Voltamos à vaca fria | 161 |
| XII — Breve entreacto metafísico num dos bancos do Jardim Público | 185 |
| XIII — Diálogo com Luís Afonso | 187 |
| XIV — Paz armada | 229 |
| XV — M. ^{elle} Dora em casa da Senhora Dona Felícia | 241 |
| XVI — Sala do retrato | 279 |
| XVII — Jogo da cabra cega | 285 |
| XVIII — «Discours de la Méthode» (ou as pseudomemórias incomple- pletas de Jaime Franco) | 315 |
| XIX — O respeitável Senhor Elicídio | 345 |
| XX — Em que provisoriamente se dá por terminado este livro | 369 |